

## MISSÃO

Com o término da Guerra Civil entre o Norte e o Sul, a península itálica tornou-se uma única monarquia, passando a se chamar Itália. Em 1861, Dom Vitor Emanuel II assumiu o primeiro e único reinado. As exceções foram Veneza e Roma encampadas em 1866 e 1870, respectivamente. A situação da Igreja Católica foi resolvida em 1929, e no Tratado de Latrão a soberania da Santa Sé foi reconhecida como estado independente do Vaticano pelo ditador Benito Mussolini.

A Itália sofreu uma grande transformação econômica e social. O sistema feudal foi substituído pelo capitalismo e pequenos camponeses das propriedades agrícolas perderam lugar para os grandes agricultores. A insatisfação e o desemprego aumentaram em grande proporção. A industrialização iniciou-se por todo o reinado criando uma economia de escala. Com uma política de altas taxas de impostos, dívidas com juros altos e a distribuição da herança para o primogênito homem, os outros filhos e os pequenos lavradores ficaram sem lugar para o trabalho e o cultivo de suas lavouras, restando a eles a emigração mundo afora.

No final do século XIX, os emigrantes vênéticos cantavam *“América América, lá se vive que é uma maravilha, vamos ao Brasil com toda a família. América América, se ouve cantar vamos ao Brasil, Brasil a povoar, lá tem terra para plantar e para colher, o café é o ouro negro do mundo.”*

Nessa época, o Brasil passava por uma mudança política, demográfica e econômica. Pressionado pela Inglaterra, Dom Pedro II promulgou, em 1850, a lei do senador Euzébio de Queiroz que proibia o tráfico de escravos negros para trabalhar na cafeicultura do Sudeste e nas lavouras de cana-de-açúcar do Nordeste. Abriu-se, com isso, a oportunidade da emigração de italianos. Estima-se que 1,5 milhões de italianos vieram para o Brasil nesse período.

Os escolhidos italianos eram os brancos e os católicos. Na política de miscigenação da raça eles contribuiriam para o branqueamento da população, ideia essa absorvida pelo governo brasileiro movido pelo pensamento científico do Darwinismo e da eugenia racial.

O governo brasileiro, principalmente o do estado de São Paulo, estava interessado nos imigrantes para trabalhos nas lavouras de café. Foi lançada uma campanha ousada para atraí-los, com panfletos distribuídos em toda Itália: *“Venham para o Brasil, com passagem de graça, para construir seus sonhos. Clima tropical, abundância em riquezas minerais, damos terra e ferramentas para os trabalhadores nas lavouras para construir seu próprio castelo”*.

E foi neste clima que, no porto de Gênova, nas águas do mar Mediterrâneo, milhares de italianos com os lenços brancos davam adeus a sua terra Natal e se aventuravam em busca de melhores condições e novos tempos. Diziam: *“Vamos fazer a América”*.

Em 26 de novembro de 1885, últimos anos do império de Dom Pedro II (1831-1889), e numa viagem de 9.947 quilômetros pelo Oceano Atlântico, que durou aproximadamente 30 dias de navegação, o navio Washington aportou no porto de Santos.

### **Os Biagioni chegaram ao Brasil:vieram, viram e venceram**

Era uma quinta-feira de primavera florida, de novembro, quando esses cidadãos nascidos na cidade de Lucca- C. Carfagnana, região da Toscana, terra do bom vinho Chianti, pisaram em terras brasileiras. Arturo Biagioni com trinta e um anos, sua esposa Luigia Pelegrino Biagioni com trinta anos, e os filhos Delfo, com seis anos, Rosa, com três, ainda de colo, a menina Anita, com um ano de idade. Dirigiram-se para a hospedaria de São Paulo, casa de apoio aos emigrantes, e se registraram, tendo como destino a próspera cidade interiorana de Sorocaba, terra, na época, do cultivo de algodão e expansão da malha ferroviária do estado.

Mudaram para Boituva na região metropolitana de Sorocaba onde iniciaram os trabalhos no ofício de fabricantes e de consertos de sapatos. Posteriormente se mudaram para o município de Piratininga, no qual nasceram os primeiros filhos brasileiros: Eduardo, Argênia e Adélia. Passaram também por Guaratinguetá, local onde nasceram Diogo e Paulina.

As notícias vindas das Minas Gerais davam conta de que a construção de uma estrada de ferro da Central do Brasil ligaria a capital Ouro Preto à localidade de Curral Del Rei, onde seria construída a nova capital do estado: Belo Horizonte.

Alguns imigrantes, então, resolveram ir para a cidade de Itabirito do Campo, localizada próxima à ferrovia, região rica na extração de minério de ferro. Arturo e Luigia, nesse momento já com oito filhos, partiram para essa nova viagem e mudaram-se para essa cidade, chamada hoje Itabirito. Com êxito e a ajuda do filho primogênito Delfo, fundaram a sapataria Victória. Logo após nasceu, também, mais um filho: Orestes. A família naquele momento se tornou completa com nove filhos.

O patriarca de todos os Biagioni, o italiano Sr. Arturo, veio de longe para um país de cultura desconhecida e idioma diferente, em busca de trabalho. Sempre foi empreendedor e desenvolvimentista. Conseguiu. Foi um vencedor!

Em 1910 faleceu e deixou para todos da família o legado e o exemplo de coragem e ousadia somados à honestidade e a determinação para o trabalho. Os filhos se mudaram para Queluz de Minas, cidade em franco desenvolvimento, movida por mineração e também pela ferrovia que ligava a capital federal do Rio de Janeiro à recente capital mineira, Belo Horizonte.

Eduardo e Delfo foram os primeiros a se mudarem e, com uma visão herdada de empreendedorismo, montaram a Sapataria Moderna, localizada na rua Dr. Melo Viana. O irmão Orestes montou a Sapataria Notre-Dame, e Diogo, a Sapataria América, ambas na rua Marechal Floriano. No ramo de conserto e fabricação própria de calçados e com um comércio atuante, a família se estabeleceu e progrediu. Queluz de Minas passou a ser a terra dos Biagioni.

Daremos maior enfoque à história do primogênito desta valorosa família, o italiano Delfo, que chegou ao Brasil junto a seus pais Arturo e Maria Luigia com seis anos de idade. Acompanhou os pais em tudo e sua certidão de nascimento é o registro de imigração da hospedaria São Paulo.

Ele venceu todos os obstáculos e, solidário com os amigos e a família, aprendeu o ofício de sapateiro. Já morando em Itabirito, conheceu a jovem Marcelina de vinte anos, por quem se enamorou e em 27 de maio de 1905, aos vinte seis anos, esposou-a. Interessante que a data da celebração do casamento coincide com o dia em que a Igreja Católica comemora Santa Mônica, a mãe de Santo Agostinho, que deixou ao mundo uma mensagem célebre que se tornou universal: *“Tudo pode mudar pela força da oração.”* Esse foi o lema de Marcelina por toda a sua vida. Devota praticante do catolicismo, fervorosa em suas orações, e, com sua fé, moveu a família, tornou-se a matriarca.

Delfo e Marcelina constituíram uma valorosa família. A prole era grande como hábito de uma época: José, Átila, Íria, Alcides, Cecília, Arthuro, Maria Antônia, Luíza e Fausta. Infelizmente, na madrugada de 05 de setembro de 1957, o médico Victor Bhering foi chamado na rua Dr. Assis de Andrade e constatou o óbito de Delfo. A família ficou em choque. Com a liderança de Dona Marcelina, entretanto, seguiram em frente e com fibra oraram: *“Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, nós vos pedimos por Delfo, que chamastes deste mundo, dai-lhe a felicidade, a luz e a paz eterna...”*. A partir disso, os filhos se uniram, ainda mais, em torno da matriarca que, com fé e devoção, enfrentou as adversidades naturais da vida dando a todos um porto de amor, esperança e fé inabalável.

As datas do calendário por vezes são marcantes e muitas vezes passam despercebidas. Em 25 de junho, dia em que é comemorado universalmente o dia mundial do emigrante, como numa bênção divina, Marcelina partiu, também chamada pelo Senhor, indo ao encontro de Delfo, no milagre da ressurreição descrito no Apocalipse. Ficou o legado: de fé em Jesus Cristo. Nessa brilhante família de ítalo-brasileiros, nasceu uma menina pequena e notável, com D.N.A e vocação para servir ao próximo, Luíza Izabel Biagioni, católica, batizada, de uma infância feliz e pautada pela simplicidade nos atos e no trato, altiva no fazer as obrigações e sempre determinada.

Matriculou-se no grupo escolar Domingos Bebiano, no qual, com excelência cursou, os dois primeiros anos do então primário. Após as aulas matutinas passava as tardes no trabalho de balconista da Tipografia e Papelaria Almeida, iniciando, assim, o longo processo de como se relacionar e se entender com as pessoas. Educada, feliz, sempre determinada, impondo respeito e sendo respeitada, ali se formou uma líder.

Alguns anos depois foi transferida para o Colégio Nossa Senhora de Nazaré, da congregação italiana das Pequenas Irmãs da Divina Providência, fundada por Madre Tereza Grillo Michel, tendo como lema: *“Uma vontade firme de amar o próximo, não com palavras, mas com atos verdadeiros.”*

Atos verdadeiros foram os que inspiraram esta jovem em todas as suas ações, profissional e comunitariamente.

Nesse católico educandário formou-se normalista e passou a lecionar. Sua paixão como professora era contagiante. A matéria preferida era a Ciências Exatas e teve a oportunidade de lecionar matemática e estatística também no Colégio Estadual Narciso de Queirós, aonde chegou ao posto de vice-diretora.

Em julho de 1949 passou, com méritos, em concurso para trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional (C.S.N.), empresa de economia mista, ícone na extração de minerais, tendo Casa de Pedra como mineração principal, sendo que a transformação do aço acontecia na Usina Siderúrgica, em Volta Redonda.

Fez uma longa e brilhante carreira. Iniciou na área técnica de estatística e logo se transferiu para o departamento social, no setor de Minas Gerais, assumindo cargos de confiança e de administração.

Com muito profissionalismo, o trabalho dessa assistente abrangia todas as minerações da empresa. Sua dedicação imprimiu cunho próprio de dinamismo e competência nos resultados. Muito mais que uma profissional, corria em seu veio o sangue de uma grande missionária a serviço do ser humano. Incansável nos seus objetivos, que sempre foram os de servir ao próximo.

Esteve sempre à frente em todos os programas sociais, elaborou políticas e controles, executando tudo em seu tempo e dando apoio para os funcionários e suas famílias, nunca se esquecendo dos aposentados necessitados e carentes de cuidado e carinho. Seu trabalho era árduo, dia e noite, nunca poupava esforços para exercê-la com qualidade. Visitava domicílios orientando as famílias em como utilizar os benefícios fornecidos pela empresa; esclarecia sempre as obrigações e os direitos equivalentes; providenciava as consultas e internações junto ao INSS; despachava para que os pagamentos

das licenças e internações dos funcionários fossem efetivados a tempo e a hora, inclusive em clínicas especializadas. Promovia reunião com os órgãos das empresas buscando soluções nos processos de seguro de vida, pecúlio e funeral junto aos cartórios e às delegacias de polícia, postos de saúde e casas funerárias. Supervisionava o serviço de distribuição de leite; empenhava-se na campanha de vacinação dos filhos dos empregados; desenvolvia assistência aos noivos e às gestantes, esclarecendo dúvidas referentes aos exames pré-nupcial e pré-natal, chegando até à difícil missão de reconciliação de casais incompatibilizados. Assumiu, também, a chefia do departamento de estatística nos serviços sociais, planejando e controlando as receitas e as despesas, e ainda o fundo rotativo do fluxo de caixa.

Profissional da total confiança do engenheiro Ary de Melo Belisário, chefe do setor mineral em todo o estado de Minas Gerais, fundador e administrador da C.S.N. por mais de trinta e cinco anos, que foi a sucessora da multinacional dinamarquesa A.THUM LTDA.

Sob sua chefia, promoveu a seleção e a admissão de novos funcionários. Envolvia-se, também, nos treinamentos de aprimoramento, inclusive terceirizando cursos em escolas privadas.

A assistência era ampla e contava com vários renomados funcionários, tais como: Dr. Altary de Souza Ferreira Junior, Aliete do Nascimento, Maria Gomes, Otávio Pyramo de Lima, Carlos Henrique Horta, Oto Ralemadhá, Clério Pantaleão Baeta, os notáveis médicos Dr. Victor Bhering (pioneiro), Dr. Ernane Ferreira, Dr. Pedro Paulo, Dr. José Moreira, Dr. Antônio Moreira, Dr. Mauro Godoy, Dr. Márcio Cardoso, o dentista Dr. Gaspar Ramalho, as enfermeiras Maria Lúcia, Dagmar, Zezé e Marlene e Jair Maurício, entre outros abnegados.

Ocupou todos os cargos, funções e chefias inerentes aos trabalhos sociais da empresa. O mais importante era a sua credibilidade junto a todos os funcionários, tornando-se uma líder pelo mérito, respeitadíssima em todo o aspecto pessoal e profissional. A sua vocação era mesmo a de uma missionária do Bem, com dinamismo e boa vontade para participar das ações das PIONEIRAS SOCIAIS, ONG presidida por D. Maria José Teixeira de Lima Belisário, que prestava serviços de assistência complementar à C.S.N. Esposas e filhos de funcionários dedicavam-se a causas humanas, tais como: corte e costura, campanha de vacinação, campanha de doações, distribuição de remédios e alimentos. As pessoas se dedicavam a esse trabalho voluntário sem remuneração e faziam por amor e dedicação, por puro ideal de filantropia.

Nem tudo foram flores e os espinhos dos imprevistos da vida marcaram as almas e deixaram cicatrizes incuráveis. Na rodovia BR 03, em 23 de julho de 1956, numa segunda-feira de inverno rigoroso, com muita neblina, o caminhão de transporte L-210 prefixo TC/05 foi abalroado por outro, em sentido contrário e em alta velocidade. Dezenas de mortos e feridos. O jornal oficial da C.S.N., O LINGOTE noticiou essa tragédia, que também foi descrita no livro de Cecílio Caetano “SUA HISTÓRIA, SUAS HISTÓRIAS”, relatando fatos e nomes de todas as vítimas.

Essa foi a missão mais árdua e dolorida de que a serventúria Luíza Izabel Biagioni participou, junto aos seus companheiros, como a enfermeira D. Eda, o médico Dr. Victor Bhering e outros funcionários como Antônio Oliveira Gonçalves, José Panzerra e muitos outros que foram socorrer as vítimas e amparar seus familiares. A dor foi tão grande que Dr. Ary de Melo Belisário não se conteve com o sentimento de perda de amigos e funcionários, chorou e arregaçou as mangas para ajudar no resgate.

Luíza era sempre destaque nas edições quinzenais do Jornal O LINGOTE, informativo de âmbito nacional da C.S.N. *“Há pessoas que nascem fadadas a dedicarem suas vidas às vidas dos outros. Para elas o conceito de solidariedade humana é muito mais que um sentimento nobre, é quase uma religião. Quando se aproximava da dor e do desespero para ajudar a seu semelhante, obedecia ao imperativo da própria natureza, o impulso emocional irresistível, transmitindo a mensagem de confiança e fé. Jovial e bem-humorada, era reconhecida e amada por todos os funcionários do setor de Minas Gerais.”*

O tempo passou, ou melhor, correu. O hoje e o amanhã foram separados por um piscar de olhos e ficaram lembranças de todos os momentos, bons ou maus. É assim que a vida se apresenta para todos.

Após sua aposentadoria, D. Luíza voltou a se dedicar aos estudos, em busca de aperfeiçoamento e qualificação profissional. Formou-se Bacharel na Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete e foi condecorada com a medalha presidente Reis Alves como a melhor aluna de todos os anos dos cursos. Ratificou o seu conhecimento na OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) tornando-se uma advogada credenciada. Seus esforços foram reconhecidos pelo judiciário da Comarca e o meritíssimo juiz, Dr. José Aluísio Neves da Silva, a nomeou licenciadora de arbitramento de pequenas causas.

O prefeito, digníssimo Dr. Camilo Prates dos Santos Júnior, criou o Departamento de Educação e cultura do município de Conselheiro Lafaiete e a nomeou para o cargo de chefia. Ela dinamizou a educação e deu toda a sua dedicação em formar um homem melhor na qualidade de seu conhecimento e na ética de seu comportamento social.

Seu profícuo trabalho foi homenageado com a medalha de honra e mérito desembargador Hélio Costa, determinada pelo governador Aécio Neves da Cunha, ato publicado no jornal oficial do Estado. Quando da sua exoneração, 10 anos depois, fez uma carta aberta à comunidade dirigindo-se e agradecendo aos munícipes e reconhecendo a participação de todos na causa maior que foi a educação e a cultura. Somente pessoas superiores seriam capazes disso, como ela foi.

A Câmara Municipal acatou o projeto do vereador Alfredo Laporte e concedeu-lhe o título de cidadã benemerita da cidade, outorgado pelo presidente vereador Darci Tavares.

Diplomas, medalhas, placas e troféus foram muitos. Aqui destaco os mais significativos: diploma e distintivo de bons serviços prestados à C.S.N, em dez e vinte anos de trabalho; diploma de gente de fibra pela Rádio Carijós; homenagem dos formandos do magistério da Escola Estadual Narciso de Queirós e Escola Sílvia Raulino de Oliveira; mestra de comunicação na Escola Estadual Narciso de Queirós; placa de colegas e amigos da Siderúrgica Nacional e dos mineradores de Água Preta; troféu Luíza Biagioni pelo Banco do Brasil; homenagem do grêmio literário da professora Heloisa de Melo; destaque na imprensa pelo jornal Panorama; reconhecimento filantrópico do Rotary Club; medalha de honra e mérito do Colégio Nossa Senhora de Nazaré.

**“No centenário do Engenheiro Ary de Melo Belisário, a família agradeceu a sua amizade e a sua fidelidade aos seus queridos pais, dando-lhe uma placa de reconhecimento.”**

Trabalhou como Ministra da Eucaristia na Matriz de Nossa Senhora da Conceição e levou a comunhão às pessoas com necessidades especiais. Administrou, com dedicação, a reforma da Igreja Matriz, liderando a campanha do projeto junto à comunidade e aos empresários. Continuou trabalhando na pastoral carcerária cuidando dos infratores condenados.

Com afinco e dedicação administrou o cemitério da paróquia Nossa Senhora da Conceição, organizando os cadastros e arquivos. Deu às famílias a certidão de posse dos jazigos e transformou esse cemitério com obras e limpeza de suas ruas e, ainda, promoveu a instalação de flores artificiais em todos os túmulos.

Muitas pessoas foram testemunhas da trajetória humanística desta mulher. Logo a seguir temos alguns depoimentos e iniciaremos com os colegas de trabalho contemporâneos, pois a conheceram em seu dia a dia direto na C.S.N.:

**Do não menos notável Dr. Altary de Souza Ferreira Junior, professor, administrador, prefeito:**

*“Ao ter a honra de ser distinguido pelo meu amigo Pedro de Lima Belisário, para tecer alguns comentários sobre a minha prezada amiga Dr.<sup>a</sup> Luíza Izabel Biagioni, colega de trabalho durante o tempo em que trabalhamos na Companhia Siderúrgica Nacional, economia mista federal, setor de Minas Gerais, faço-o com muito prazer. Minhas considerações devem ser examinadas no contexto onde se contemplam o extraordinário desempenho e valiosos serviços prestados pela Dr.<sup>a</sup> Luíza que incontáveis benefícios trouxeram aos funcionários da C.S.N. e à população de um modo geral, notadamente, aos mineradores da mineração de Casa de Pedra, Congonhas, Conselheiro Lafaiete e demais Regiões, nas quais a empresa mantinha suas atividades nos diversos núcleos de mineração, envolvendo uma assistência social abrangente e eficiente, tornando-se referência por todos reconhecida. O testemunho melhor de tudo isso não poderia deixar de ser meu querido Pedrinho Belisário, autor desta crônica, por ter sido, na sua tenra idade, observador privilegiado e co-partícipe dos acontecimentos, pois sua mãe, D. Maria José de Lima Belisário, dedicada presidente da ONG “Pioneiras de Ações Sociais”, sempre contou com a dinâmica Professora Luíza Biagioni, tornando, ainda mais eficaz a atuação da assistência da instituição. A tudo assistia de perto Pedrinho Belisário, durante a sua infância e juventude, com seu senso refinado de observação e sua privilegiada memória e sensibilidade humana, frutos da sua peculiar característica, tendo como suporte uma sólida estrutura familiar, cujos valores humanos sempre foram destaques. Ainda no presente, a Dr.<sup>a</sup> Luíza continua se dedicando a ajudar o próximo, como voluntária, prestando seu abnegado trabalho principalmente aos mais necessitados, com obstinação. Portanto, a opção pelo nome da Dr.<sup>a</sup> Luíza, pelo cronista, dentre um significativo número de valores humanos, já diz por si só por que ela sempre contará com a admiração de todos.”*

**D. Ivone Santiago Ferreira:**

*“Dava assistência a todos os empregados, resolvendo seus problemas com muito boa vontade. A sensação era de proteção e tínhamos ainda a bênção do Dr. Ary Belisário. Admiro muito a Dra. Luíza: inteligente, forte, amiga, uma pessoa que veio para deixar a sua marca por onde passou. Fui muito feliz em conhecê-la”.*

**Do escritor e acadêmico Cecilio Caetano Rodrigues:**

*“A iniciativa e o gesto de Pedro Belisário de prestar uma “pequena homenagem” (palavras dele) à Dona Luíza Biagioni, confirma que a gratidão é uma virtude só encontrada na alma dos nobres. Lisonjeado estou por ter sido um dos escolhidos para ajudá-lo numa tarefa tão fácil e ao mesmo tempo tão difícil. Fácil porque adjetivos não nos faltam; difícil porque o espaço de que dispomos nunca seria suficiente para um currículo tão vasto de uma vida tão significativa como a de Dona Luíza. Por eu ter nascido em Casa de Pedra, mineração da Companhia Siderúrgica Nacional, tive o privilégio de acompanhar, ainda que fragmentado, o trabalho dela e ser assistido por ela. Dona Luíza, que começou a trabalhar aos 13 anos numa tipografia, também exerceu cargos de professora e vice-diretora. Foi admitida por concurso*

na C.S.N., onde trabalhou por mais de duas décadas, sendo a primeira mulher a ocupar um cargo de chefia na primeira grande estatal brasileira. Inteligente, habilidosa, criativa e dotada de um profundo sentimento humanitário, destacou-se em nossa comunidade como Chefe de Pessoal, Supervisão, Controle, Comando Administrativo, Orientação Funcional e na Divisão de Assistência Social. Assumiu tarefas de assistência na parte médica, escolar, de subsistência, criação e lavoura e até de reflorestamento, além de participar assiduamente do nosso grupo de escoteiros. Cumprida a sua missão na Vila Casa de Pedra e depois de se aposentar nesta empresa, trabalhou como administradora do Cemitério Paroquial em Conselheiro Lafaiete. Ministra da Eucaristia, engajou-se na luta para a recuperação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, nesta mesma cidade. Por seu trabalho incansável, recebeu homenagens da Prefeitura Municipal de Conselheiro Lafaiete, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Rotary Clube, Clube Santa Cecília e muitos outros. O *Lingote*, jornal editado pela C.S.N., de 25 de março de 1954, assim se referiu à Dona Luíza: “Há pessoas que nascem fadadas a dedicar suas vidas às vidas dos outros. Para elas, o conceito de solidariedade humana é muito mais que um sentimento nobre, é quase uma religião”. Agradeço ao amigo Pedro pela oportunidade de poder registrar estes fatos. Parabéns à querida Dona Luíza pelo exemplo de vida que nos dá e à Natureza por nos ter brindado com tão formidável criatura.”

**Irmã Maria Camila Marques, diretora do Colégio Nossa Senhora de Nazaré: “MARCANTE PERSONAGEM”:**

“Na trajetória existencial, surgem pessoas especiais. E entre as especiais, diviso a “Mulher-Símbolo”. Traz as marcas indeléveis da família cristã a empunhar a bandeira da Fé. Matricula-se no tradicional “Nazaré” e seu testemunho convence e fala alto. Diplomada, exerce o Magistério, com júbilo e eficiência. E os olhos se voltam para quem se destaca pela liderança e conduta exemplar. Em firma de renome, se torna presença-qualidade pela competência e humanismo. Sua função lhe dá ensejo para o ingresso de jovens carentes em Instituições de Ensino. A liderança se expande. Ação social e ação eclesial se abraçam. Faz-se eficiente em questões advocatícias aliadas a sólidos princípios cristãos. Quantas e quantas vezes a vi esquecida de si mesma, em prol do próximo. Vivência, realmente, a fraternidade. Nas horas tristes e alegres se fez presente. É a “mulher símbolo”, “cidadã do infinito”. Quem foi a educadora, a advogada, a cristã autêntica e a líder em nossa Cidade? Ei-la: Dra. Luíza Izabel Biagioni! Síntese de sua vida: AMAR E SERVIR!”

**Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Conselheiro Lafaiete, Dr. José Aluísio Neves da Silva:**

“Poder Judiciário do Estado de Minas Gerais. Justiça de Primeiro Grau. Sabem vocês sobre aquelas pessoas a quem chamamos de incomuns? Essa é, por exemplo, a Dona Luíza Izabel Biagioni. Porque afirmo isso? Dona Luíza, como carinhosamente conhecida por todos, advogada, destaque-se, é, na verdade, servidora de Deus e, portanto, do povo. Dedicada, entregue à vida religiosa e comunitária, presta serviços “sem olhar a quem”. Cumpre, com fidelidade, seus deveres espirituais e de cidadania. Durante anos, desde que assumi a titularidade de uma Vara Comum na Comarca de Conselheiro Lafaiete, Dona Luíza vem trabalhando gratuitamente no Conselho da Comunidade e já atuou, também, no antigo Juizado Informal de Pequenas Causas. Homenageada com a Medalha Desembargador Hélio Costa pelo Judiciário local, foi mesmo pelo mérito pessoal e dedicação voluntária na ajuda em busca da recuperação de condenados. Participou sempre da Pastoral Carcerária, o que determinava, então, envolvimento ainda maior na atribuição de cuidar do objetivo da pena criminal, por nós, juizes, impostas aos condenados. Este, com certeza, não é um retrato fiel de Dona Luíza Biagioni, posto que não faz jus a seu verdadeiro desempenho na ajuda comunitária. No entanto, em razão da minha limitação para escrever sobre ela e destacar suas diversas virtudes, fiz apenas um resumo mínimo, posto que, para demonstrar o quanto ela é dedicada ao bem comum, acredito que somente o seu “guru” permanente, seu Deus, portanto, poderá fazer a todos entender quem é a verdadeira Luíza Biagioni. Com o meu mais profundo respeito, permanente admiração e súplicas severas a Deus para que lhe dê muitos anos de vida e saúde, creio estar me unindo ao pensamento de todos que têm, tiveram e terão a grata oportunidade de conhecê-la, porque trata-se de ser humano incomum, sem mácula em sua mente, coração e alma.”

**Sua prima e amiga Marina Biagioni Marques, “Luíza”:**

“É ensinamento do Papa Paulo VI: ‘A mulher é destinada a fazer parte da estrutura viva e operante do cristianismo, de modo tão relevante que, talvez, ainda não tenham sido enucleadas todas as suas virtualidades.’ O Papa João Paulo II, hoje São João Paulo II, desenvolveu essas potencialidades na encíclica *Mulieris Dignitatem*, inspiradora da homenagem à muito cara prima, irmã, amiga, lembrando sua dedicação à minha mãezinha e presença em tantas dificuldades nossas. Você, Luíza, é exemplo vivo do exercício da dignidade e responsabilidade da mulher perante o mundo, no que diz respeito à família, à fé, à sociedade, ao “serviço,” enfim, sinal primeiro d’Aquele que se fez “serva”, ao se tornar Mãe de Deus, e que inspira seus passos e vela pelo seu devotamento e disponibilidade. Vejo-a incluída na

*ação de graças do nosso Papa santo “pelas mulheres que cuidam do ser humano na família, pelas mulheres que trabalham profissionalmente e, às vezes, carregam tanta responsabilidade social...”. Ouso concluir: e que, como você, não se aposentam; não se recolhem; não silenciam, não se contraem, mas carregam, para sempre, o múnus da vocação de servir.”*

**Sua amiga Leila Maria Silva Barbosa, “singela homenagem”:** *“Uma simples mulher existe que, pela espiritualidade de seu amor, tornou-se mãe de sua família e de todos os que dela se aproximam, necessitados de apoio e orientação; uma mulher que, desde jovem, age com admiráveis bondade e sabedoria, sabendo encontrar a melhor solução para os problemas do cotidiano; uma mulher que é referência por onde passa, pois consegue imprimir sucesso e brilhantismo a todas as suas ações; uma mulher que busca, ardentemente, a verdade e a glória do Cristo Ressuscitado, razão de seu afeto à Imaculada Conceição, estando sempre à frente dos eventos que exaltam a Santíssima Mãe de Deus. Nossa homenagem a esta pessoa singular que se chama LUÍZA IZABEL BIAGIONI!”*

**Da amiga e acadêmica Avelina Maria Noronha de Almeida:**

*“Há bastante tempo, eu estava em um consultório médico e ouvia umas senhoras conversando. E uma dizia que residia em Congonhas. Ficava viúva de um funcionário da C.S.N. e estava em uma situação difícilíssima, sem saber o que fazer. Que a salvação dela e de seus filhos se devia a uma funcionária da CSN, D. Luíza Biagioni, que dera a ela toda a assistência necessária, acima do que era sua obrigação e em todas as dificuldades. Que D. Luíza fora um anjo em sua vida. Muitas, muitas e outras pessoas foram ajudadas por essa grande Luíza Biagioni, fossem ligadas à C.S.N. ou não, e que a ela recorreram em suas aflições. São muitos os relatos que demonstram seu imenso espírito caritativo, sua maravilhosa vocação para ajudar as pessoas. Quem recorre a ela, recebe ajuda. E muitas vezes a pessoa não recorre, mas parece que ela adivinha e aparece para oferecer seus préstimos. Como advogada, é incontável o número de suas atuações prestando serviço judiciário gratuito, com muita disponibilidade, atenção e carinho a quem não tem recursos. Na época em que foi administradora do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, fez um trabalho digno de admiração, com inovações necessárias, gerência competente, organização nunca vista antes e bom atendimento. Na Matriz de Nossa Senhora da Conceição é, há décadas, um baluarte, desenvolvendo atividades religiosas, como Ministra da Eucaristia, organizando festividades, promovendo vários setores da vida religiosa, levando a Sagrada Comunhão a pessoas que têm dificuldade de ir à Santa Missa todos os domingos, ou quando estão enfermas. Com que carinho e dedicação cuidou de parentes e amigos enfermos! Há tanta coisa a dizer desta mulher de brilhante inteligência, de capacidade incomum para o trabalho e a ajuda!... que ocuparia páginas e páginas. Mas vou terminar com algo que pouca gente sabe: não existe melhor professora de Matemática. Fui aluna dela e eram fascinantes suas aulas. Era impossível os alunos não aprenderem porque a metodologia que usava era atraente, mágica! Foi pena não continuar no Magistério... Meus sinceros e emocionados louvores a Luíza Izabel Biagioni!”*

**Amiga Lúcia Helena Leijôto Pinto, “amizade lapidada pelo tempo”:**

*“Quando cursei o magistério, uma professora me chamou a atenção pela facilidade com que tratava os cálculos e simplificava as operações aritméticas que, posteriormente, não só me serviram de suporte para lecionar, mas especialmente aprendizado na matemática da vida. Desde aquela época pude perceber que ali se encontrava uma pessoa valiosa e, de lá pra cá, não somente nossa amizade foi cultivada, mas a própria Dona Luíza (carinhosamente chamada) se aprimorou para se tornar ainda mais preciosa. Luíza Isabel Biagioni é uma querida amiga que se fez e se faz presente, numa amizade lapidada pelo tempo, seja este alegre ou triste, de injustiça, de perdas ou de conquistas. Para se tornar a pessoa que é hoje, talentos e qualidades contribuíram para ilustrar sua história nada breve, enriquecida de sua fé inabalável em Deus, seu amor e devoção mariana, sua fidelidade à Igreja de Jesus Cristo, dedicação imensurável à sua família, habitual atenção aos seus amigos, disposição constante para fazer o bem, intensa doação e desprendimento traduzidos em grandes feitos que perpetuam em vários segmentos sociais, institucionais, empresariais e órgãos públicos de Conselheiro Lafaiete. Impossível enumerar suas ações. Sempre deparamos com Dona Luíza, rumo à nossa Matriz com seu passo, hoje mais lento, porém, firme, decidido e que nunca perde a hora. Lucidez e conhecimento coerentes com a disposição ao serviço e à escuta da palavra e de Deus. Sua presença é marcante, a começar pelo seu “tailleur” sempre impecável e formal, um tanto avesso a outras características de sua personalidade como a simplicidade e seu pungente senso de humor, que no pensamento do filósofo britânico Ludwig Wittgenstein, significa “não um estado de espírito, mas uma visão do mundo.” Bastante realista e bem humorada, numa roda de amigos ela apanha todos desprevenidos e transforma a conversa em boas gargalhadas. São muitas as galhofas com as quais nos brinda com sua convivência: “O favor é a ante-sala da ingratidão”, “O machado foi-se”, “Saco furado não guarda dinheiro”, “Não vale a pena desvestir um santo para vestir outro”...E, no ápice de sua maturidade, Dona Luíza nos convida com sutileza, a internalizar o aprendizado, continuamente, com grandes exemplos: a força com que enfrenta as adversidades, a superação diante do*

*novo sem agarrar-se a fragmentos do passado que não se enquadram mais nos desafios atuais, a naturalidade com que vive as perdas e ganhos, a capacidade de sonhar e de perdoar. Dona Luíza é uma joia para os paroquianos de Nossa Senhora da Conceição. Uma joia para nossa querida Conselheiro Lafaiete. Uma joia que o tempo e a vida lapidaram. Uma joia AMIGA.”*

**Minha irmã Mônica, que se lembra muito das participações comunitárias de Dra. Luíza no relato abaixo:**

*“Todos nos lembramos daquela que, em Conselheiro Lafaiete, teve um importante papel na família, educação, serviço social e Igreja. Sempre a todos ajudou sendo um ponto de apoio e segurança para seus familiares e aqueles que necessitavam de ajuda. Dona Luíza sempre era requisitada para ajudar nos grandes eventos da paróquia, colégio e serviço social da C.S.N. Foi grande o apoio dado a minha mãe, Maria José Belisário, para desenvolver o trabalho das Pioneiras Sociais. Nas aulas de matemática e estatística ensinava com excelente didática, conseguia que os alunos gostassem da matéria e a aplicassem no dia a dia. Sempre foi incentivadora daqueles que não tinham condições de estudar e lutou para que filhos de operários da C.S.N. pudessem ter este privilégio como bolsistas. Meus pais sempre contaram com sua colaboração para realizar o trabalho junto a todas as unidades em que a CSN atuava em Minas Gerais. Foram grandes o incentivo e apoio que tive de Luíza em meus primeiros anos na educação. Trabalhei na escola rural na mineração de Água Preta, o que me deu grande experiência para trabalhar como professora e também continuar meus estudos. Em memória de meus pais e em nome de meus irmãos agradeço à Dona Luíza pela atenção e carinho para com nossa família. Seu nobre espírito, colaboração e solidariedade com meus familiares e com todas as pessoas que com ela conviveram, estarão para sempre gravados na memória de Conselheiro Lafaiete.”*

\*\*\*\*\*

*“A esta grande missionária, amiga desde os meus tempos de criança, das viagens para Casa de Pedra, o meu apreço e admiração por esta trajetória de trabalho e sucesso em todos os campos sociais, profissionais e filantrópicos. Foi uma dedicação ímpar em prol de servir bem ao próximo, ou melhor, servir a Deus. O seu legado é sem dúvida alguma de solidariedade”*

*Um afetuoso e terno abraço de quem muito a admira.*

*Fui um felizardo em poder conhecê-la em meus dias.*

**Pedro de Lima Belisário**



## GALERIA DE FOTOS



Dona Luiza Biagioni, chefe do setor de Assistência Social, distribuindo uniformes aos escolares



A professora Maria José de Moraes recebendo em sua sala de aula o dr. Paulo Mendes Campos, dona Luiza Biagioni, dona Maria José Belisário, dr. Ary Belisário e Carlos Fernandes

